

A CIDADE DOS VÍCIOS: RELEITURA DE COELHO NETO

Maurício SILVA*

Correspondendo ao período histórico que, na França, se convencionou chamar de Terceira República (1870-1914) – época em que vigoraria a instável e enganosa Paz Armada – a *Belle Époque* afirmou-se muito mais como um *modus vivendi* singular e original do que como um conceito historicamente determinado. Foi, neste sentido, uma forma de pensar e agir sem precedentes, relacionada ao anseio de determinada classe social e artística pela renovação e pela modernidade. Noções, aliás, que se encontram presentes na própria denominação da principal tendência estética da época, sintomaticamente conhecida pelos nomes de *art nouveau* ou *modern style*. Novidade e modernidade, assim, emergem como dois conceitos que acompanharam a idéia mais ou menos fluida de *Belle Époque* durante toda a sua vigência.

No Brasil não foi diferente. Sob o influxo das reformas urbanas de Pereira Passos, a Capital Federal vivia um período de súbito esplendor: não apenas a cidade, mas também a sociedade se renovava e se modernizava; a tecnologia – impulsionada pela recente Segunda Revolução Industrial – ganhava igualmente foros de novidade perene, com seus automóveis, aviões, máquinas diversas e invenções; levava-se adiante um amplo processo civilizatório, caracterizado por uma singular febre de saneamento público; os símbolos mais acabados do novo estilo de vida que se inaugurava com a virada do século espalhavam-se por toda parte, indo desde as famosas confeitarias e salões, às ruas e avenidas mais freqüentadas, sem deixar de contar com os teatros, cinemas e cassinos que surgiam por toda a cidade.

* Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Professor das Faculdades Metropolitanas Unidas (São Paulo).

Glória e esplendor superficiais, é verdade, já que procuravam esconder sob o manto diáfano de uma expressiva *joie de vivre* todo um conjunto de elementos típicos da mais aguda crise social e econômica, que revelariam a face mais cruel da nossa incipiente República. Assim, não obstante ser o elemento superficial que contava para uma sociedade mundana cada vez mais atuante no comando das decisões políticas e administrativas do Estado, entrevia-se, no bojo desses entusiasmado desenvolvimento, uma série infindável de processos marcadamente decadentes, refletindo um estilo de vida caracterizado pelos vícios de toda espécie, mas sobretudo pelos vícios acarretados pelo progresso citadino.

Literalmente, nossa *Belle Époque* tropical foi marcada profundamente por uma visão mais ou menos padronizada das artes, visão esta perfeitamente sintetizada na consideração da literatura como o sorriso da sociedade, como bem percebeu o sentido acurado de Afrânio Peixoto, representante de destaque desta mesma tendência. Além disso, o que acima chamamos de anseio pela novidade e pela modernidade permaneceu vigente, traduzindo-se, via de regra, na ampla aceitação de um similar cosmopolitismo literário à D'Annunzio e Oscar Wilde. Assim, seriam representantes máximos dessa tendência, além do já citado Afrânio Peixoto, figuras célebres da época, como João do Rio, Théo Filho, Arthur de Azevedo e, talvez mais do que todos eles, Coelho Neto.

Considerado pela crítica como um dos expoentes da literatura oficial da *Belle Époque* carioca, Coelho Neto tem sido lido, ao longo dos anos, como um autor típico da produção diletante e mundana que vigorou incontestemente no início do século e encontrou justificativa na concepção literária expressa por Afrânio Peixoto. Entretanto, uma releitura mais acurada de sua obra, como tem sido feita por alguns críticos da mesma, (Daniel, 1993) pela ótica de um realismo *fin-de-siècle*, pode-nos revelar uma face verdadeiramente nova do autor, em que o mesmo emerge como um primoroso romancista de costumes, retratando uma sociedade em que, ao lado da entusiástica prosperidade, surgem sinais de um flagrante decadentismo: são os vícios da cidade moderna, conforme aludimos há pouco, que

o autor irá, obstinadamente, retratar e combater literalmente. Assim sendo, como temática basilar deste ensaio, buscaremos enfatizar uma face totalmente nova de Coelho Neto: aquela que nos revela um autor preocupado com a representação da cidade moderna como espaço privilegiado das manifestações dos vícios humanos.

Coelho Neto e a cidade dos vícios

Os progressos desencadeados pelo influxo da modernidade no começo do presente século resultaram, invariavelmente, na introdução em nosso meio de novos padrões de convivência social, fato largamente abordado pela historiografia sobre a época (Sevcenko, 1983; Carvalho, 1989). Não apenas a realidade física dos grandes centros urbanos sofria profunda e irreversível transformação, mas sobretudo os costumes se modificaram substancialmente, revelando, entre outras coisas, uma sintomática degenerescência moral.

Embora haja opiniões respeitáveis que neguem a Coelho Neto o papel de retratista dos costumes da época, (Campos, 1935) não há como furtar ao grande romancista urbano sua atuação neste campo, realidade atestada por não menos importantes estudiosos de sua produção artística (Neves, 1938; Faria, 1986). Por isso, é possível conceber, sem incorrer em erro crasso, a produção coelhonetiana como um dos principais conjuntos documentais da época, marcadamente no que se refere à exposição dos hábitos e costumes durante a Primeira República.

Neste sentido, pode-se caracterizar o conjunto ficcional de Coelho Neto – sobretudo no que se refere aos seus romances – como retrato correto da cidade, uma cidade urbanizada sob o ímpeto desenvolvimentista que marcou a administração de várias personalidades da história da época e que não podia deixar de desencadear uma continuada transfiguração dos hábitos de seus moradores, acarretando toda uma série de problemas comportamentais, flagrados pela pena atenta de Coelho Neto. É relevante, neste sentido, o fato de este autor ter inaugurado sua vasta produção ro-

manesca justamente com uma obra que veladamente, engrandece as qualidades naturais do campo, em detrimento dos vícios particulares da cidade (*A Capital Federal* 1893); e ter finalizado a mesma com um romance que, *tout court*, desbanca a espaço citadino justamente por ser este o local privilegiado de todos os vícios que o ser-humano possa apresentar no decorrer de sua vida (*O Polvo*, 1924).

Estas duas obras são, por assim dizer, verdadeiros marcos ficcionais de sua atuação como retratista dos vícios humanos desenvolvidos nos limites do espaço urbano. Tais vícios, podemos acrescentar, podem ser didaticamente divididos em duas espécies singulares: os vícios materiais e os vícios morais.

Como retratista do primeiro conjunto de vícios, Coelho Neto não hesitou em associar à cidade urbanizada e mundana de então as drogas de toda espécie, cujo consumo conhecia uma franca ascensão naquele dourado começo de século no Rio de Janeiro. Não era novidade alguma o uso deste e de outros psicotrópicos pelas mais diversas classes sociais, realidade de que os cronistas da época nos dão um pungente retrato (Rio, 1991; Costallat, 1931). Coelho Neto, em sua obra, procurou revelar este fato de maneira ampla e contundente, criando personagens claramente dependentes das drogas, autênticos viciados: Helvécio Pires, amigo do protagonista do romance *Tormenta* (1901), é uma destas personagens, cuja vida nos é descrita como tomada por uma intensa letargia, resultado lastimoso da dependência da morfina:

Era um caso perdido. Para onde ia levava a seringa: eram cinco, seis, oito injeções por dia. Tinha o corpo todo picado, já lhe haviam aparecido furunculoses, erisipelas; os braços estavam cobertos de escaras. (Neto, 1924b, p.71)

Viciada era também Lucília, protagonista de *O Polvo*, deixando-se levar pela dependência da cocaína, embora sua figura mereça destaque por uma espécie algo diferente de vício, como veremos adiante. Ao lado das

drogas, o jogo é um tipo de vício comumente descrito por Coelho Neto como sendo um dos mais comuns ao ambiente urbano: não sem razão, o autor dedica um capítulo de seu romance *A Capital Federal* para descrever uma cena de jogo protagonizada por Anselmo Ribas e Gomes de Almeida.

Mas drogas e jogos são apenas a manifestação mais material do vício maior que Coelho Neto busca retratar em quase todos os seus romances, o qual poderíamos simplesmente chamar de luxúria urbana. Com efeito, é a célebre grande vida, o mundanismo próprio das cidades urbanas – e particularmente do Rio de Janeiro – que o autor irá condenar com veemência em sua produção romanesca. Fica claro que, para o autor, o chamado “grande mundo” (Needell, 1993; Broca, 1960) é a representação acabada do principal malefício que a cidade pode causar ao ser-humano. Neste sentido, a própria realidade urbana já é, por si mesma, a configuração real deste mundo e, portanto, a concretização do vício. Não causa espanto, portanto, o fato de o autor afirmar em seu romance histórico-biográfico *A Conquista* (1895) que até as próprias ruas da cidade possuíam os vícios humanos; ou em *O Paraíso* (1898), umas das personagens lamentar que no Limbo não existiam os vícios próprios da cidade:

Trago comigo todos os meus vícios, sinto-os pruin-do-me o desejo e sofro com isso. Falta-me tudo aqui, tudo! Faltam-me os jornais, o cigarro, o meu chope, a palestra no charuteiro, o meu pocker...e a noite, a noite sobretudo, com os seus encantos velados (Neto, 1926, p.213)

É exatamente este cenário mundano que critica o autor, com todas as suas seduções urbanas, com todos os seus velados encantos. Mas nenhum outro romance de Coelho Neto trata com mais profundidade este tema do que *O Polvo*, cujo enredo é quase todo marcado pela crítica aberta à perniciosa influência do grande mundo sobre a vida das pessoas: Lucília, que passa subitamente de uma condição doméstica a uma dama da

sociedade, é compulsoriamente atraída pelas seduções da cidade grande, tomando-se inclusive uma requisitada prostituta. Sem dúvida alguma, o autor não hesita em deixar claro que não foi senão a cidade – com seus infinitos tentáculos – a causadora do desastre conjugal e doméstico, já que Lucília teria sido fatalmente assediada pelo mundo que a envolvia obstinadamente:

a Cidade estendia-se-lhe à vista, imensa, com a Avenida, o maior tentáculo, sugador de honra e fortuna, com as suas ventosas que são os teatros, as casas de chá, os cinemas e todas aquelas vitrinas, todos os largos mostruários cheios de sedução que prendem o olhar e, por ele, atraem a vítima envolvendo-a em desejos, prendendo-a pela ambição ou pela vaidade (Neto, 1924a, p.40).

Como dissemos acima, nem só do retrato dos vícios materiais – isto é, dos vícios ligados intrinsecamente à noção concreta da cidade urbana – vive a obra de Coelho Neto. Também os chamados vícios morais encontram-se, em sua obra, intimamente relacionados à vida citadina. No conjunto, sua obra ficcional trata com inesperada maestria toda uma gama de libertinagens morais capazes de aproximar consideravelmente sua obra da tendência decadentista preponderante na literatura ocidental finissecular. A narração das modificações psicológicas sofridas por Jorge, de *Inverno em Flor* (1897), parece corroborar mais uma vez esta asserção:

a cidade refê-lo, revicou-lhe o sangue com seus philtros varios attrahindo-o seductoramente a todos os vícios. E elle entregou-se passivo, dissipando-se em prazeres vulgivagos, sem medir gastos nem cuidar nas consequencias, restaurando-se em somnos languidos, pelos dias dentro, das vigílias orgiasticas em que atravessava as noites (Neto, 1928, p.59).

Tanto em *Inverno em Flor* quanto em *O Polvo*, a cidade sedutora parece surgir como um centro em torno do qual giram todos os demais acontecimentos, cada um deles procurando confirmar a visão decadente veiculada pela prosa de Coelho Neto.

Assim sendo, não é raro depreender de sua produção literária enredos carregados de cenas de incesto, de adultério, de prostituição e muito mais. Atuando como um autêntico retratista dos vícios materiais ou morais, Coelho Neto afirma-se também em nossa literatura pelo viés do realismo *fin-de-siècle*, emergindo como um romancista de costumes às avessas, exatamente por eleger como temas e motivos de seus retratos a degenerescência completa destes costumes.

Conclusão

A conclusão que se pode retirar das observações acima arroladas parece não ir muito além do que ficou dito nas linhas e entrelinhas deste ensaio: mais do que um representante da tendência literária oficial que perdurou durante a passagem do século, tendência esta que encarava a literatura como um mero exercício de esteticismo vazio e mundano, Coelho Neto surge como um dos mais enfáticos retratistas do decadentismo na nossa *Belle Époque*. Não sem razão, sua obra permite pacificamente uma leitura pela ótica do realismo trágico que caracterizou a prosa naturalista de um Aluísio Azevedo ou a poesia cientificista de um Augusto dos Anjos (Nerlich, 1935).

Embora sua ficção possa apresentar recursos lingüísticos próprios de uma expressão especialmente *fin-de-siècle*, (Dimas, 1983) é curioso que, por meio de um original arranjo estético, Coelho Neto lance mão de propriedades estilísticas pouco afeitas à temática decadentista, a fim de dar maior consistência lingüística à sua pujante e imaginativa narração: sob a forma do inflexível estilo parnasiano, registra as mais cruentas e realistas cenas do cotidiano carioca. Neste sentido, aproxima-se inevitavelmente – enquanto retratista – de nossos principais reformadores pré-modernos.

Mas, sobretudo, emerge como um isolado promotor da versão contemporânea do sentimento de distanciamento das metrópoles emergentes, espécie singular de *fugere urben* finissecular (Broca, 1958). De qualquer maneira, o espaço urbano é visto sob uma perspectiva agudamente negativa, na medida exata em que se revela como um espaço privilegiado para o cultivo dos mais diversos e perniciosos vícios que uma sociedade possa conhecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROCA, B. Coelho Neto e Artur Azevedo. *Revista do Livro*, v. 3, n. 12, p. 193-194, 1958.
- BROCA, B. *A vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960.
- CAMPOS, H de. Coelho Neto: *Crítica*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1935. p. 61-69. (Primeira Série)
- CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- COSTALLAT, B. *Mystérios do Rio*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1931.
- DANIEL, M L. Coelho Neto revisitado. *Luso-Brazilian Review*, v. 30, n. 01, p.175-180, 1993.
- DIMAS, A. *Tempos eufóricos: análise da revista Kosmos: 1904-1909*. São Paulo. Ática, 1983.
- FARIA, O. de. Coelho Neto. In: COUTINHO, A. (Dir). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1986. v. 3. p. 209-17.
- NEEDELL, J D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

- NERLICH, C. A. Um prosador artista do Novo Mundo. *Rev. Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 159, p. 346-9, 1935.
- NETO, C. *O polvo*. São Paulo: Jornal do Commercio, 1924a.
- NETO, C. *Tormenta*. Porto: Chardron, 1924b.
- NETO, C. *O paraíso: excelsa fantasia*. Porto: Chardron, 1926.
- NETO, C. *Inverno em flor*. Porto: Chardron, 1928.
- NEVES, J. *Dois perfis*: Silveira Martins e Coelho Neto. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1938.
- RIO, J do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1991.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.